

ENTRE TRADIÇÃO E PASSADO: A CONSTRUÇÃO DE JASÃO DA EPOPEIA AO ROMANCE

Jéssica Frutuoso Mello¹
Wellington Ferreira Lima²

RESUMO

Diante das representações e conseqüentes mudanças que diferentes episódios mitológicos vêm recebendo desde a Antiguidade, selecionamos a Argonáutica com o intuito de refletir acerca do processo de caracterização do herói Jasão frente a essas diversas releituras. Assim, optamos por narrativas longas, escritas por representantes de diferentes povos e distanciados no tempo, para cotejar a relação que esses autores estabelecem entre si e como isso pode refletir na construção desse herói. Utilizamos, para isso, as categorias propostas por Agamben (2012), que se pautam no tipo de relação estabelecida com o passado, seja de contigüidade, a Tradição, ou de ruptura, o Passado.

Palavras-chave: Jasão, herói, tradição, passado.

As literaturas grega e romana são, muitas vezes, habitadas por heróis que se realizam no que Murari Pires (1999) chama de “modo ambíguo de ser”, por estarem entre a existência divina e a simples mortalidade humana. Tendo mudado, desde a Antiguidade, de gêneros – como Ajax faz da epopeia para a tragédia – e de povos – como Eneias, da grega *Ilíada*, para a romana *Eneida* –, esses heróis ainda realizam suas aventuras e mudanças atualmente. Um exemplo, é o rol de heróis pertencentes à Argonáutica, que vem sendo trabalhado, desde a Antiguidade, proficuamente em diversos veículos, como a literatura e o cinema.

Isso leva a uma representação diferente, por cada autor, de um de seus personagens principais, Jasão, que apresentaria caracterizações e atuações distintas – inclusive relativas a seu protagonismo, dividido com outros heróis no decorrer e com Medeia ao final da narrativa – mesmo quando há o enfoque em um mesmo episódio de sua narrativa mitológica. Considerando essas diferentes versões, podemos encontrar

¹ Letras – Licenciatura. Unifal – MG. Graduanda. E-mail: jessicafrutuoso@yahoo.com.br

² Letras – Licenciatura. Unifal – MG. Mestre. E-mail: wellington.lima@unifal-mg.edu.br

esse herói caçando o javali de Cálidon na *Biblioteca* de Apolodoro e nas *Metamorfoses* de Ovídio ou sofrendo entre os sedutores no oitavo círculo do *Inferno* de Dante, fato compreensível se observarmos as *Heroides* do já citado Ovídio.

Já em relação à história que talvez seja a mais conhecida do herói – a busca pelo velocino de ouro – é possível encontrar diversos desdobramentos posteriores a seu retorno à sua terra natal com o prêmio. Podemos citar, por exemplo, sua representação quase como coadjuvante nas tragédias antigas e modernas escritas em diferentes idiomas, em que Medeia, ao ver-se abandonada pelo herói, assassina seus filhos em um ato de vingança. Esse desdobramento teria levado Jasão ao suicídio segundo Diodoro em sua *Biblioteca Histórica*. Já, em outras versões, após os eventos da tragédia, o herói apossa-se do trono da Cólquida, conforme Tácito nos *Anais*, ou o devolve ao seu sogro Eetes, segundo Justino.

Aparentemente, essa grande variabilidade de versões pode advir do fato de que os mitos apropriados e expandidos pelos poetas antigos partiam da transmissão de “saberes” que ocorria através de narrativas orais (VERNART, 2006, p. 25), que já possuíam diferentes versões, junto à paulatina inovação que ocorre na literatura desde a Antiguidade.

A maioria das obras acima citadas não possui, entretanto, um enfoque único sobre esse herói, dedicando-lhe poucas linhas em relação à completude das obras que cumprem abordar também outros heróis e fatos. Exemplo disso ocorre em Hesíodo que, em sua *Teogonia*, alcunha o herói de “pastor de homens”³, segundo tradução de Jaa Torrano, em um dos onze versos dedicados a ele, à Medeia e ao nascimento de Medeio, e em Ovídio que, novamente em suas *Metamorfoses*, narra os amores de Jasão e Medeia, que, segundo Calvino (1993), “[...] abrem no coração do poema (Livro VII) o espaço de um verdadeiro romance, em que se entrelaçam aventura e abismo passional e o grotesco ‘negro’ da receita dos filtros enfeitiçados, [...]” (p. 41).

Além disso, podemos citar a *Pítica IV*⁴ de Píndaro, que não só seria a obra – das que chegaram até nós – mais longa do poeta (ORTEGA, 1984, p. 160), como pode ser

³ “ποιμένι λαῶν”.

⁴ As citações das obras de Apolônio e Píndaro aparecem em espanhol, uma vez que não dispomos de traduções para o português, e consideramos essa opção mais viável do que realizar a tradução de uma tradução, e, também, por não dominarmos o grego antigo ao ponto de oferecer uma boa tradução ao leitor. Além disso, optamos por manter os títulos das obras em espanhol. Situação semelhante ocorre com *The*

também a versão mais longa da Argonáutica anterior à epopeia de Apolônio. Com o intuito de louvar a vitória de Arcesilau IV, Píndaro coloca a Argonáutica em sua ode, atando o atleta à sua descendência nobre ligada a um dos argonautas, Eufemo (Ibid. p. 161). Assim, embora o poeta narre a história de Jasão – que, nesse caso, é criado por Quíron –, sua relação com o rei usurpador Pélias, o oráculo a respeito do homem de uma sandália a ser temido pelo rei e sua consequente viagem, o texto dedica-se, não a esse aspecto, mas ao louvor de alguém em decorrência de um dos argonautas, que nem é Jasão.

Não obstante, há a dedicação de obras inteiras a narrar as vicissitudes vividas por Jasão, particularmente os episódios relacionados à já citada empreitada em busca do velocino de ouro no além mar. Assim, Jasão nos é apresentado, na Antiguidade, como principal herói em duas epopeias por Apolônio de Rodes e por Valério Flaco. Porém, fato interessante é que herói protagoniza também romances modernos, como os de Robert Graves e Virgílio Várzea, sendo três dessas quatro obras – em ordem cronológica, *Las argonáuticas*⁵, *Cantos Argonáuticos* e *Os Argonautas* – nossos principais objetos de estudo.

Conforme já dissemos, não poderíamos chamar de incomuns as releituras modernas acerca de ilustres personagens mitológicos. Como exemplo, podemos citar *O incêndio de Tróia*, de Marion Zimmer Bradley, e *A canção de Aquiles*, de Madeline Miller. Entretanto, há certa tendência, aparentemente, a uma mudança de perspectiva nesses romances que abordam temas épicos. Ainda utilizando de nossos exemplos, há o trabalho com o ponto de vista feminino no primeiro e um deslocamento do campo bélico para o campo de batalha do amor no segundo, passando-se, assim, da fúria ao amor.

Jasão, entretanto, é personagem de um evento mítico que já apresenta forte caráter amoroso, pois é a partir da benção de Afrodite, que lhe garante a ajuda de Medeia, que o herói conseguirá atingir seu objetivo principal. Dessa forma, a mudança do personagem da epopeia para o romance se daria de maneira mais “natural” do que

Golden Fleece, obra em língua inglesa, sem tradução para o português, embora, nesse caso, tenhamos realizado as traduções das citações e dos nomes dos personagens.

⁵ Utilizamos a tradução espanhola de Manuel Pérez López e todas as citações da obra que ocorrem nesse trabalho foram retiradas dessa tradução. Mesma situação ocorre com *Cantos Argonáuticos* de Valério Flaco com a tradução brasileira de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior.

ocorre com os outros personagens, pois, como já foi dito, já em contexto épico o personagem demonstrava um caráter dúbio como herói, principalmente, se considerarmos sua atuação na epopeia de Apôlonio de Rodes. Atuação essa que lhe garante, segundo alguns estudiosos, a alcunha de anti-herói (LAWALL apud DEFOREST, 1994, p. 4) e *love hero* (BEYE, 1982). Já nosso outro exemplo épico demonstra-se condizer melhor com seu gênero, embora demonstre, ao mesmo tempo, um sentimentalismo que não combinaria com ele.

Assim, embora tenham sido cotejadas algumas teorias de Bakhtin (2010) e Lukács (2000) acerca do romance, para refletir acerca da transição ocorrida com esse herói do campo épico para o do romance, a teoria exposta por Watt (2007) demonstrou estar mais afim àquilo que buscávamos. Ainda que o personagem do romance se estruture de maneira distinta daquela condizente com a epopeia, o personagem em questão já apresentava, aparentemente, esse caráter problemático, o que faria com que sua passagem para o romance ocorresse com mais fluidez.

Segundo Watt (2007), o florescimento do romance ocorre no contexto da sociedade do século XVIII, em que se acreditava serem as epopeias violentas⁶, causadoras de diversos conflitos armados ao longo da história e motivo de choque para as mulheres por causa do “[...] tratamento dispensado ao seu sexo” (WATT, 2007, p. 212-214). Dessa forma, uma epopeia de cunho amoroso, com uma personagem feminina emblemática e cujo herói principal carregasse certa carga sentimental faria a mudança de gênero literário sem grandes alterações de suas peripécias.

Partindo desses pressupostos, buscamos verificar a dualidade entre Tradição e Passado⁷ – categorias propostas por Agamben (2012) – nessas três obras literárias, de maneira a inserir a construção de cada herói em uma dessas categorias. Cotejamos, destarte, a possibilidade dessa dualidade de relações com o passado gerar consequências – similaridades e distanciamentos – nessa construção do herói no interior das já citadas narrativas, distanciadas no tempo e divididas em dois gêneros literários diferentes.

⁶ Levando-se em consideração a teoria de Murari Pires (1999) acerca do herói épico, é possível afirmar que esse se caracterizaria por uma excelência, *areté*, ligada à sua capacidade guerreira. Essa relação belicista é facilmente entendível se considerarmos os contextos apresentados na *Ilíada* de Homero, da qual dois heróis protagonizam também a *Odisseia*, e a *Eneida* de Virgílio.

⁷ Vale ressaltar que utilizamos os termos grafados com letras maiúsculas para tratar das categorias propostas e minúsculas quando estivermos nos referindo ao sentido dicionarizado de tradição e de passado.

Essa dualidade entre Tradição e Passado liga-se à relação estabelecida entre o homem e seu passado: em meio à Tradição, os objetos são revestidos de certo caráter ligado ao seu valor de uso e de seu significado ético-social. Portanto, a relação entre o homem e o passado nesse contexto é aquela de apropriação em meio à identificação com aquilo que está sendo apropriado (AGAMBEN, 2012, p. 169-171), gerando através da transmissão, um reavivar do passado, que garante um elo entre o presente e o passado.

Ocorre, nesse contexto, a impossibilidade de coleção ligada à forma como se dá essa transmissibilidade do passado. É impossível, em meio à Tradição, serem rompidos o valor de uso e o significado ético-social de um objeto – rompimento necessário à coleção, que substituirá esse valor e significado por um valor-estranhamento. Assim, a citação e a coleção tornam-se impraticáveis perante um sistema em que é a transmissibilidade que garante “à cultura um sentido e um valor imediatamente perceptíveis, [que] permite ao homem se mover livremente para o futuro, sem ser tolhido pelo peso do próprio passado.” (Ibid., p. 174-175).

Já uma relação de rompimento com o passado configura uma mudança na forma de transmissibilidade cultural. Com essa perda de Tradição, o Passado passa a configurar-se não mais como algo a que se é contíguo, mas como objeto de acumulação. Dessa forma, para reproduzir essa perda de transmissibilidade na arte, a apropriação ocorre por meio do recorte, da citação, em que não há uma identificação com aquilo que lhe é alheio, mas – em meio ao estranhamento ocorrido devido à perda de seu testemunho autêntico – faz-se com que o objeto selecionado, colecionado, a partir daquele acúmulo de Passado adquira uma nova autenticidade, uma nova *aura* (Ibid., p. 170-171; BENJAMIN, 1987).

A construção do novo acontece, então, por meio da destruição do antigo, sendo por intermédio da estética que conseguiremos resolver a contenda entre o antigo e o novo. Antigo que se tornou indecifrável para nós e, por isso, nos oprime, e novo que ainda não temos e que não nos fornece apoio em relação ao passado (AGAMBEN, 2012, p. 169-184). Com isso, procuraremos investigar até que ponto existe, nessas representações, uma herança, que, ora inseriria os autores na mesma Tradição, ora tratar-se-ia de uma apropriação (BENJAMIN, 1987, p. 224) resgatando fragmentos do Passado (Ibid., p. 226) e deixando outros no amontoado de ruínas.

Dirigindo-se ao nosso objeto, iniciamos nossa análise com Apolônio de Rodas, poeta grego, teria realizado a primeira recitação pública de seu poema entre 250 e 240 a. C. (LÓPEZ, 1991, p. 11), época em que vicejava o Helenismo, com suas mudanças políticas e literárias. Uma das quais seria a da posição do poeta que passa a necessitar, ao mesmo tempo, ser poeta e filólogo, de maneira a ser capaz de constatar a perfeição das obras anteriores e demonstrar um progresso em suas obras, sem ocasionar uma ruptura com aquelas. Assim, há o reconhecimento de que alguns modelos, como a épica, já estavam saturados (Ibid., p. 14-15).

Sem embargo, Apolônio redige sua epopeia – enquanto Calímaco diz odiar o poema em série – invocando, em meio a um gênero caracteristicamente bélico, Erato, musa que preside as poesias líricas⁸. Essa invocação ocorre no canto III da epopeia que seria, segundo López (1991), o momento culminante da narrativa, canto que se inicia expondo os efeitos do amor e termina com o cumprimento das provas pelo herói, o que só será possível pelo poder do amor e não da força ou armas dos heróis, apresentando assim a inovação de colocar o humano e psicológico acima daquilo que seria propriamente épico (Ibid., p. 30).

Já no início da epopeia, Jasão não é apresentado como um herói que quer realizar grandes feitos, mas, que, por uma profecia – sobre um homem sem uma sandália chegando ao banquete, e sua sandália ficar presa no fundo do rio Anauro ao atravessar com Hera nas costas –, é enviado por Pélias em busca do velocino. Essa profecia liga-se ao fato de Pélias “esquecer-se” de honrar à Hera em seu banquete, de maneira que, até certo ponto, Jasão é apontado como instrumento de vingança da deusa em relação ao rei (III, 74-75)⁹.

Jasão é caracterizado como um jovem, o que é assinalado pelo fato de sua barba ainda estar começando a nascer (I, 972)¹⁰. Talvez esse fato faça com que tenha sentido a ocorrência de, ao dizer aos heróis que o ajudariam em sua imposta empreitada que o

⁸ “¡Ea, ven ahora, Érato, colócate a mi lado y cuéntame tú/ como desde allí se llévo Jasón hasta Yolco el vellocino./ com la ayuda del amor de Medea! [...]” (III, 1-3, p. 199).

⁹ “[...] Mas sería imposible que Pelias/ pudiera pagarme su ultraje, si tú no le das a Jasón el regreso.” (p. 203).

¹⁰ “[Cícico] Igual que a Jasón, a él también comenzaba a brotarle la barba,” (p. 107).

melhor entre eles deveria ser feito capitão, todos seus companheiros voltarem os olhos a Hércules – que nega a honra – e não para ele. Essa relativa falta de experiência pode ser uma das razões – embora não a única, já que outros heróis aparecem na mesma situação (II, 45-46) – que fazem com que Jasão se apague durante a narrativa, aparentemente.

Grande parte das aventuras isoladas que ocorrem ao longo da obra são realizadas sem que o herói tome parte, como é o caso do episódio de pugilato entre o rei Âmico e Polideuces (II, 20 e subsequentes). Além disso, para um capitão, Jasão sempre se mostra muito silente e inseguro durante a viagem, o que acaba gerando provocações de seus companheiros (como ocorre em I, 460-462)¹¹ ou que estes tomem atitudes que seriam esperadas de seu capitão (como ocorre em II, 1216-1220)¹².

Entretanto, mesmo com essa atuação, o poeta dá-lhe epítetos como “amante de guerras” (I, 349) e “belicoso” (II, 121). E, apesar de sua justiça ao carregar Hera (III, 66-74), é o fato de se parecer com a estrela brilhante observada pelas virgens (I, 775-782)¹³, por sua graça e beleza (III, 443-444)¹⁴ aumentada pela esposa de Zeus (III, 919-922)¹⁵, que lhe garante sucesso em sua viagem, a partir do fato de Medeia enamorar-se por ele. Em consequência, a feiticeira lhe confere meios para que seja capaz de superar as provas impostas por Eetes e também de retornar a sua terra natal.

Pouco antes disso, entretanto, há certa mudança em Jasão que passa a utilizar-se da palavra, geralmente adjetivada de doce¹⁶, para tentar alcançar sucesso. Tanto é que o herói propõe a seus companheiros sondar com palavras se Eetes, pai de Medeia e detentor do velocino de ouro, entregaria seu prêmio por amizade (III, 179-180)¹⁷. Além disso, usará desse recurso, por exemplo, quanto Eetes os ofender (III, 385)¹⁸, para

¹¹ “Pero entonces el hijo de Esón dentro de sí meditaba/ cada cosa perplejo, lo mismo que un hombre confuso. / Idas, entonces, mirándolo fieramente, com grandes voces se puso a injurarlo:” (p. 78).

¹² “Así habló él [Argos], y enseguida hizo preza mortal palidez em lãs mejillas/ de muchos cuando oyeron hablar de tal prueba. Sin perder um momento, Peleo/ contestó con palabras valientes [...]” (p. 194).

¹³ “Eché a andar camino de la ciudad parecido a una estrela brillante,/ [...] Semejante a esa estrela iba el héroe siguiendo a la mujer mensajera.” (p. 96-97).

¹⁴ “De forma divina brillaba entre todos el hijo de Esón,/ por sua gracia y belleza. [...]” (p. 223).

¹⁵ “Nunca hubo, entre los hombres de antaño, ni tampoco entre todos/ los que fueron del linaje del proprio Zeus, ni entre todos los héroes / que nacieron de la sangre de los demás inmortales,/ un héroe tal cual la esposa de Zeus hizo que fuese Jasón” (p. 248).

¹⁶ Em grego “μειλίχιος”, gentil, agradável, calmante, pacificador (PEREIRA, 1969).

¹⁷ “Probaré com palabras primero en mi encuentro com él,/ por si quiere entregarnos em son de amistad el vellocino de oro,” (p. 208).

¹⁸ “Mas el hijo de Esón lo contuvo, pues él mismo adelantóse a replicarle con dulzura:” (p. 220).

convencer Medeia a ajudá-lo (III, 1140-1141)¹⁹ conforme conselho de Mopso (III, 945-946)²⁰, e, quando assustado com a fúria de Medeia em ocasião da perseguição das tropas colcas e a ameaça de devolvê-la a seu irmão, Absirto, fala à feiticeira acerca de seu plano para enganá-lo (IV, 393-394)²¹. Por conseguinte, poderíamos afirmar que as duas facetas principais de Jasão nessa epopeia seriam sua beleza e sua habilidade com as palavras, sendo que essa última floresce com a chegada dos heróis na Cólquida.

O romano Valério Flaco compõe, no último quartel do século I d. C., sua versão da peregrinação de Jasão. Também em meio a mudanças políticas, nesse caso, de caráter restaurador, após a sucessão de controversos imperadores – Tibério, Calígula, Cláudio, Nero e as disputas entre Galba, Otão e Vitélio –, suas Musas cantam para celebrar as conquistas navais de seu imperador, Vespasiano²² (GOUVÊA JÚNIOR, 2010, p. 15-17).

Por encontrar-se a frente no tempo de Apolônio, assim como ocorre com os outros autores que serão aqui debatidos, Flaco dispõe de um maior arcabouço de influências e citações, não apenas do próprio Apolônio, mas de modelos como Virgílio, Catulo e Lucano (BIANCHET, 2010, p. 9-10). Embora, até certo ponto, seja possível afirmar que isso também se apresenta como um desafio, pois ao mesmo tempo em que desfruta de grandes modelos, necessita demonstrar sua originalidade ao inovar em face a eles.

Conforme já observamos em trabalho realizado anteriormente²³ sobre o herói de Flaco, em que o contrastamos com diferentes heróis de outras epopeias e também com seus companheiros com o intuito de encontrar sua possível *areté*, a característica que parece ser mais marcante em Jasão é sua capacidade de liderança, que o faz ser o

¹⁹ “[...] *que tenía el corazón/ encantado por igual com la hermosa de Jasón y sus palabras seductoras,*” (p. 259).

²⁰ “[...] *Por tu cuenta,/ ruégale tu mismo tratando de engañarla com hábiles palabras.*” (p. 249).

²¹ “[...] *Entonces Jasón, dominado por el miedo, díjole así, com palabras llenas de dulzura:*” (p. 296).

²² “[...] *E ó tu de quem maior é fama/ Dês que oceano caledônio, antes hostile/ Aos frígios Júlios, tuas velas transportou,*” (I, 7-9, p. 31).

²³ MELLO, Jéssica Frutuoso; FERREIRA LIMA, Wellington. Jasão na Argonáutica de Flaco. *Nome*. v. 3, n. 3, p. 65-79, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistanome.com.br/>>. Acesso em 11 nov. 2014.

capitão da empreitada e que o herói demonstra desde o início da narrativa. Sendo essa a principal característica que Jasão irá aprimorar no decorrer da aventura, uma vez que a viagem apresenta um caráter iniciático, em que ocorre o amadurecimento dos heróis (GOUVÊA JÚNIOR, p. 104), a partir das virtudes que eles já possuíam. Além disso, o herói demonstra, no decorrer da epopeia, outras qualidades, como seu valor guerreiro, ressaltado no canto VI, durante a guerra entre Eetes e seu irmão Perses. Guerra em que os argonautas tomam parte por ter Eetes prometido ao herói o velocino como prêmio (V, 534-541)²⁴.

Mesmo assim, tendo provado ao rei Eetes ser digno do velocino após a batalha contra Perses em que Jasão sai vitorioso, o herói tem sua dádiva negada e novas provações lhe são impostas. Por essas se mostrarem de grande dificuldade inclusive para sua virtude (VESSEY, 1989, p. 642), Jasão passa a necessitar da ajuda de Medeia, demonstrando então uma faceta amorosa que já havia aparecido anteriormente quando os heróis aportaram na ilha de Hipsípila.

Assim, o herói – que, como nas outras representações aqui abordadas, não deixa de ser belo (II, 490-492²⁵ e VII, 263-264²⁶) – passa a ser caracterizado por uma amálgama entre suas duas facetas, talvez por uma possível influência daquilo que era louvado pelos neotéricos, cujo principal representante foi Catulo²⁷ (FERREIRA LIMA, 2007, p. 124). Porém, em meio a essa amálgama, aquilo que poderíamos chamar da *areté* do herói é capaz de se sobrepor ao amor que sente por Medeia, como ocorre próximo ao final abrupto da epopeia quando parece estar decidido a devolver Medeia

²⁴ “[...] ‘Quisera não chegásseis neste tempo/ Aos meus domínios, quando o imigo me sitia./ [...]/ Defende, pois, primeiro a casa dos parentes/ E não desdenhes a honra ganha em guerra alheia, / Já que o aço faz o herói. Darei não só o velo/ Ao meritório vencedor!’ [...]” (p. 164).

²⁵ “[...] tão largo peito/ Dês que Netuno ergueu os muros às estrelas,/ Nem tal aljava ou ombro igual trazia Apolo” (p. 2).

²⁶ “Um que mais belo do que todos pareceu-me / Então eu vi – eu contemplava o capitão.” (p. 208).

²⁷ Conforme já expomos em trabalho anterior: “Inserido em um período de ruptura com o modelo literário romano, [...] representado pela tradução da *Odisséia* de Lívio Andronico (280-204 a.C.), pela *Guerra Púnica* de Névio (269-201 a.C.) e sobretudo pelos *Anais* de Ênio (239-169 a.C.).” (OLIVA NETO, 1996, p. 16), Catulo dedica-se à poesia helenística, chamada pura, [...] que deve ser avaliada por parâmetros estritamente estéticos, antes de qualquer juízo a respeito da validade de suas escolhas temáticas. [...]” (FERREIRA LIMA, 2007, p. 113), rica na arte da alusão, ilustrando sentimentos, principalmente o amor e com ‘tendência ao diminuto’ (OLIVA NETO, 1996, p. 31). Destacam-se, então, o epílio e o idílio, textos muito breves em relação à épica (OLIVA NETO, 1996).” (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 68).

aos colcos que os perseguem por essa parecer a decisão mais justa a ser tomada em relação a seus companheiros (VIII, 463a-467)²⁸. (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014)

Dessa forma, o herói de Flaco configura-se de maneira distinta daquela apresentada por Apolônio, como ocorre em relação à motivação da viagem. Não só há, para desagrado de Pélias, uma profecia relativa ao filho do irmão que o mataria, mas há também a fama das virtudes do herói que se espalham (I, 26-32)²⁹. Não parece ser um evento quase aleatório, mas algo pelo qual Jasão é responsável indiretamente.

Aparentemente, o traço que mais assemelha um herói ao outro seria a capacidade com as palavras. Entretanto, enquanto essa particularidade vai aparecer no Jasão de Apolônio principalmente após a chegada dos heróis à Cólquida, Flaco constrói Jasão de maneira a que ele apresente essa característica desde o início, assim como suas outras características, seja ao convencer seu primo Acasto a acompanhá-lo contra a vontade do pai (I, 164-173)³⁰, seja ao rogar a Fineu auxílio para cumprir sua demanda (IV, 542-547)³¹.

No romance, o autor que narrou as aventuras de Jasão e escolhido por nós é o brasileiro Virgílio dos Reis Várzea. Segundo Sachet (1979), ele teria sido “o criador do Conto Catarinense” (p. 62), além de, na juventude, ter fundado jornais, escrito manifestos e defendido a “Ideia Nova” junto a Cruz e Souza (MELO, 1958, p. 87). Ademais, foi consultor linguístico da tradução da Bíblia (GIRALDI, 2014).

²⁸ “Jasão hesita ante a ameaça e a ira dos Colcos./ Pudor, de um lado, e a decisão dos seus, do outro,/ O oprimem, mas tenta afagá-la em seus soluços./ Ele mesmo, a gemer, falando abrandando os ditos:/ ‘Crês que eu o mereça, ou que deseje, tudo assim?’” (p. 240).

²⁹ “Na alma assustada por divinas ameaças / E pelo filho do irmão: que este seria/ O fim do rei os vates cantam. Maus presságios/ No altar repetem-se; e do herói a fama aumenta –/ Ao rei, porém, essas virtudes não agradam./ Ele decide, então, findar o herói e o medo/ E imagina a ocasião e o modo de o fazer.” (p. 32-33).

³⁰ “Qual crês, não venho, Acasto’, diz o capitão./ ‘Co’indignas súplicas. Juntar-te à expedição/ Intento, pois nem Telamon, Idas ou Canto,/ Ou Cástor julgo ser mais digno do toão!/ Ah, quanta terra, quanto céu ver poderemos!/ A quantos usos abriremos o oceano!/ Talvez pesada a empresa creias, porém leve/ Ao meu retorno, quando a nau me traga a Iolcos./ Mas que vergonha a tua ouvindo nossos feitos!/ E a teus suspiros contarei de tantas gentes!’” (p. 38).

³¹ “De Jove a filha para mim construiu um barco/ E a Saturnia granjeou-me reis por companheiros./ Porém minh’alma fiar não pode, e quanto o Fase/ E o sumo esforço mais se achegam, mais me aflige/ O porvir. Ídmon e Mopso, os vates, já não bastam-me’./ Ao capitão ele rogar não mais consente,” (p. 137).

Introdutor do gênero marinhista na Literatura Brasileira (SACHET, 1979, p. 62), suas obras, segundo Melo (1958), são influenciadas pelo meio em que nasceu e cresceu: “[...] uma associação de marinheiros e lavradores de troncos peninsulares e ilhéus [...]” (p. 87). Une-se a essa experiência de berço, o fato de ter se aventurado pelos oceanos, o que lhe garante experiência para narrar as coisas do mar (p. 87), ao ponto de ser considerado por Melo, o único autêntico marinhista da América Latina, estando ao lado de Melville e Jack London, “cronistas do mar que as Américas oferecem ao mundo” (p. 88).

Porém, Melo deixa claro que nem todas suas obras têm temática marítima, e ao destacar as que têm – *Contos de Amor, O Brigue Flibusteiro, Nas Ondas e Mares e Campos* – o autor que o localiza na primeira fase realista – embora Várzea tenha participado, segundo Broca (2005), do grupo simbolista mais antigo do Brasil (p. 188) – não faz nenhuma menção a um de nossos objetos: *Os Argonautas*.

Os Argonautas é um romance publicado em 1905, que narra também as peregrinações de Jasão, líder dos argonautas, à Cólquida em busca do velocino de ouro, seu regresso, além de suas desventuras posteriores, conforme já afirmamos. Considerando sua data de publicação, é possível afirmar que a Grécia ainda triunfava em nossa literatura, como fez até a guerra de 1914 (BROCA, 2005, p. 153). Segundo Broca (2005), o rompimento que houve entre nossa literatura e os deuses olímpicos durante o Romantismo, foi reatado junto às primeiras manifestações do parnasianismo.

Torna-se, então, uma necessidade essa relação com a Grécia – mesmo que puramente decorativa –, por estar ligada a uma espécie de “status”, uma vez que cada citação demonstraria a cultura daquele que a realizava. O que parece ocorrer em Várzea que se utiliza de divindades pouco usuais, inclusive colocando duas possibilidades de nomeá-las, como Astaroth ou Astarte, demonstrando seu conhecimento inclusive de deuses fenícios.

Além disso, ainda segundo Broca (2005), essa mania de Grécia e de latinidade apresenta um aspecto sociológico, já que os autores buscavam uma origem elevada, em meio ao preconceito relativo à mestiçagem do povo brasileiro, encarada como uma espécie de decadência (p. 153-160). Preconceito ligado às teorias que, importadas tardiamente, eram baseadas em um modelo determinista, segundo o qual os comportamentos humanos seriam produto de leis biológicas e naturais. Dessa maneira, a

mestiçagem passa a ser encarada não mais como uma característica interessante e parte da cor local, mas como uma degeneração racial e social (SCHWARCZ, 1993). De qualquer forma, talvez, seja essa mania helenística que florescia na época somada a seu apego por temáticas marítimas que possa ter inspirado Várzea, então, a escrever sua versão do mito dos argonautas.

Considerando que, junto à dedicatória que Várzea faz ao poeta brasileiro Luiz Delfino, encontram-se três citações em suas línguas originais – Valério Flaco, Voltaire e Camões –, parece-nos que Várzea traça uma relação mais próxima com o poeta romano do que com os outros modelos disponíveis e aqui abordados. Assim como o tema da Argonáutica era oportuno ao momento para Valério Flaco, apresenta-se da mesma forma ao nosso entusiasta do mar, oferecendo-lhe um passado e um tesouro de citações, relacionados às suas escolhas.

É interessante ressaltar que Várzea não se prende às versões literárias anteriores dadas ao mito dos argonautas – assim como não faz nenhum dos elementos de nosso recorte –, de maneira que, em relação às versões épicas de Apolônio de Rodes e Valério Flaco, o brasileiro introduz novos episódios na peregrinação de seus heróis e altera aqueles comuns às outras obras, recorrendo a outros tesouros de citações. Esse aspecto é observável mesmo sem considerarmos o final de seu romance, mais relacionado à herança trágica do mito que não cabe à épica, uma vez que Apolônio encerra sua epopeia com o retorno da nau ao ponto de partida e que não possuímos o final do poema de Flaco.

O romance brasileiro, após uma longa descrição de cenário, característica da obra do paisagista que era Várzea (MELO, 1958, p. 92-93), inicia-se em *media res*, com os heróis acenando com suas lanças e seus escudos para a multidão que fica na praia, enquanto rumam à Argo em batéis. Com isso, apenas saberemos o real motivo da viagem no capítulo cinco do romance³², quando Jasão retorna como um “[...] príncipe popular e amado, agora enaltecido como nenhum pela mais elevada e estrondosa conquista do tempo.” (VÁRZEA, 2012: 5, 68).

³² “O miserável e desapiedado usurpador da coroa de seu irmão Éson que, por fim, já doente e em avançada idade, abdicara em Jasão, seu filho e legítimo herdeiro, a quem Pélias trouxera sempre ardilosamente arredado da corte até que o concitara à viagem da Cólquida onde, supunha, ele viesse a morrer, podendo assim governar tranquilamente a Tessália e largar aos seus descendentes o trono — ficara em grande desespero e furor apenas recebera a notícia do regresso de Argo.” (p. 67-68).

Desde o início, o herói já é descrito como sendo o “mais alto, mais augusto” (VÁRZEA, 2012: 1, 3) de todos os “homens olímpicos” (Ibid.) que o acompanham, com sua postura marcial. Além disso, distingue-se dos outros heróis presentes por sua opulência – com capacete de ouro na cabeça e um manto púrpura –, fato que também aparece um tanto depois na descrição de suas acomodações na nau³³. Posteriormente, não deixará de ser descrito como sendo belo, já que é essa característica que sempre lhe garante o sucesso³⁴.

Assim, já inicialmente, Jasão é líder incontestável dos argonautas, o que localiza Várzea mais próximo de Flaco, que de Apolônio. Entretanto, é interessante como o trabalho com essa herança é realizado. Como exemplo, podemos citar a presença de Hércules na Cólquida. Se em Flaco, Hércules necessita, aparentemente, ser afastado para que Jasão se destaque após desenvolver suas virtudes (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 74), em Várzea, esse afastamento é apenas temporário³⁵ e não gera conflitos entre Jasão e seus companheiros, como em Flaco e Apolônio.

Claramente, o retorno de Hércules não representa nenhuma ameaça à posição de Jasão e a seu dever em relação às provas necessárias para adquirir o velocino na Cólquida, uma vez que no romance o líder dos argonautas é representado como um predestinado ao prêmio. Em relação a isso, é interessante citarmos o que ocorre quando Jasão chega ao reino da Cólquida e lá conversa com o rei Eetes. Já ao chegarem, os argonautas são suntuosamente recebidos pelo rei, que ordena que sua filha, Medeia, acompanhe o líder a toda parte. Enquanto caminham juntos em certa ocasião, Jasão conta a Medeia que diversas expedições com intento de recuperar o velocino já foram tentadas “[...] por alguns dos mais poderosos Príncipes da Terra.” (VÁRZEA, 2012: 4,

³³ “Na tolda, à extrema ré, ficavam os luxuosos camarotes de Jasão, forrados de ouro e damasco, deitando grandes discos de vidro – as vigias – para o Céu e para o Mar...” (1, p. 6).

³⁴ “Medeia, apenas viu Jasão teve por ele uma funda impressão. Aquele nauta forte e belo, [...], soube inspirar-lhe tais emoções e afetos que ela se sentiu para logo escravizada a ele. Vivia, desde a sua chegada, na perene e embevecida contemplação do seu rosto moreno-claro, da sua barba e cabelos negros anelados, dos seus olhos de viril atração, do seu porte alto e marcial e de suas maneiras delicadas e nobres, que ela não via nos Príncipes do seu reino nem nos dos países vizinhos.” (4, p. 10-11).

³⁵ “Essa demora foi sobremodo grata à expedição, porque, seis dias antes de prosseguirem viagem, apareceram-lhes Polifemo e Hércules, os companheiros queridos, que haviam atravessado, por terra, toda a Mísia e a parte oeste da Bitúnia até Crisópolis, depois de terem, em vão, tentado libertar Hilas do poder das Ninfas e sobretudo dos veludosos e cativantes braços da sua rainha, a encantadora Eunica.” (3, p. 5-6).

12), mas que ele está seguro de seu sucesso porque tivera augúrios favoráveis de oráculos, divindades e deuses.

Posteriormente, quando “o bom rei da Cólquida” (Ibid., 23), pergunta acerca do motivo da expedição, que acreditava ser para conhecer o mundo, e descobre seu objetivo real, expõe essa mesma situação da empresa tentada anteriormente e das provas impostas por Marte a quem quisesse obter o velocino. Mais uma vez, o herói diz que conhece os perigos, mas que “[...] sua missão era irrevogável, havia de cumprir-se, fosse como fosse, [...]” (Ibid., 14) em troca da honra ou da morte, já que todos os deuses, excetuando Marte, olhavam a sua missão de maneira benfazeja.

Em relação ao mesmo episódio em Flaco, temos certo afastamento – que não necessariamente aproxima Várzea de Apôlonio –, pois Eetes é apresentado na epopeia como um rei tirano que propõe aos argonautas que defendam seu reino em uma guerra para garantir o velocino como prêmio, e que depois, mesmo com o sucesso dos heróis, obriga Jasão a vencer as provas impostas. Essa opção do poeta romano em fazer com que primeiro os heróis provem seu valor na guerra e depois tenham o prêmio negado, faz com que o fato de que Jasão necessite da ajuda de Medeia não pareça uma fraqueza em relação à *areté* construída para o personagem pelo autor, conforme já defendemos anteriormente.

Assim, a escolha de Várzea, ao fazer a caracterização de Jasão e demonstrar que sua empresa já era pressagiada como vitoriosa, faz com que o fato do herói necessitar e pedir a ajuda da feiticeira pareça um tanto quanto desnecessário, ocorrendo apenas em virtude do amor. Ao mesmo tempo, essa certeza de vitória faz com que o herói decida realizar as provas em troca da vida ou da honra sem muita hesitação, conforme dissemos acima, honra que também atrai o herói em Flaco (VII, 429-430)³⁶.

Já em Apôlonio, Jasão pensa em qual decisão tomar, por não acreditar poder aceitar com firmeza aquelas provas, que lhe pareciam um grande trabalho, e termina aceitando-as em meio à impotência (III, 422-432)³⁷. Logo, enquanto o herói é determinado, em duas versões, a realizar os feitos necessários à sua honra, a hesitação –

³⁶ “Nunca irei sem o velo -/ Não serás tu a prima a ver-me desonrado?!” (p. 214).

³⁷ “[...] *Y Jasón, em silencio, clavando sus ojos delante sus pies, se quedaba em pie así, sin decir palabra, sin recursos ante aquella desgracia./ Largo rato daba vueltas el héroe a uma decisión, mas no podía em modo alguno/ aceptar aquel reto con firmeza, pues parecía grande el trabajo./ Finalmente, le dio su respuesta, y dijo con palabras astutas:/ [...] Así habló, herido de impotencia. [...]*” (p. 222-223)

que inclusive fará com que outros seis heróis se candidatem a realizar as provas (III, 504-520)³⁸ – predomina em Apôlonio.

Chamamos atenção também à obra de Robert Graves – *The Golden Fleece* (1944) –, embora sua análise aprofundada não seja adequada à extensão desse artigo, por considerarmos que o tipo de discurso, que tende ao cômico, apresentado na obra, em que Graves exhibe outra configuração social e religiosa, necessitaria de uma reflexão mais detalhada para qual seria mais apropriado outro trabalho focado nessas particularidades. Ressaltamos, entretanto, que o herói dessa obra tende mais ao apresentado em Apolônio de Rodes do que em Valério Flaco, por estar mais ligado à sua faceta amorosa que à guerreira – sendo esse o motivo pelo qual o herói é eleito líder dos argonautas³⁹.

Dessa forma, a ideia de que Jasão seria uma espécie de “galã irresistível” é levada ao extremo, nesse romance, sendo essa sua principal característica, aparentemente. Descrito como jovem, alto e bonito⁴⁰, sua beleza, de fato, será continuamente remarcada durante a narrativa, encantando desde as mulheres de Lemnos, até Medeia, a ponto de ser descrito por Hipsípila com uma estrela observada pelas virgens⁴¹, imagem semelhante àquela já citada e apresentada por Apôlonio, embora, em situações diferentes. Essa característica que, considerando seus antecedentes, tem até certa proeminência em Apôlonio, ajuda, ao que parece, no tom jocoso dado à narrativa por Graves.

³⁸ “[...] *Peleo, por fin, / tomó la palabra entre todos los héroes y dijo con toda firmeza: / [...] Pues yo por lo menos / no rehusaré, que la muerte será, como mucho, el dolor más terrible .*” / [...] *El corazón le dio un salto a Telamón, / y con toda rapidez se levantó impetuoso. Idas tras él, el tercero / se alzó, lleno de orgullo; y tras él los dos hijos de Tíndaro. / El hijo de Eneo también [...] con tal fuerza se exaltaba su ánimo.*” (p. 226-227).

³⁹ “Além disso, Jasão é um homem deste tipo: a maioria dos homens ou o inveja ou o despreza, mas a maioria das mulheres apaixona-se por ele à primeira vista. Já que as mulheres em todos os lugares, tanto entre os bárbaros, quanto entre as raças civilizadas, seguram as rédeas secretas do poder e, no fim, ganham seu próprio caminho, o dom concedido a Jasão pela Deusa Ninfa não foi pequeno. Ele é melhor líder até mesmo que você, Hércules, a quem todos os homens admiram e nenhum inveja, e que, à primeira vista de quem, qualquer mulher em seu senso recolheria as saias e sairia correndo gritando.” (p. 89).

⁴⁰ “Em meio à multidão de visitantes, ele notou um singular estrangeiro – jovem, alto e bonito, com feições das quais parecia lembrar-se como de um sonho, armado com duas lanças com pontas de bronze.” (p. 42).

⁴¹ “Uma estrela brilhante, que é observada por uma menina, da janela mais alta, enquanto nasce do mar da meia-noite – uma menina que, no dia seguinte, será iniciada nos segredos da condição feminina e mal pode dormir de ansiedade” (p. 121).

Além disso, conforme indicamos em relação a Várzea quanto a Diodoro, Graves pode ter recorrido também a um outro tesouro, Píndaro, para compor seu mosaico. Destarte, por, ao contrário dos outros exemplos de nosso recorte, narrar a história de Jasão *ab ovo*, o autor coloca em seu romance a educação de Jasão realizada por Quíron, após a usurpação do reino de seu pai⁴², episódio também apresentado na já citada *Pítica IV* de Píndaro (102-116)⁴³.

Assim, ao traçar um paralelo entre esses autores, é possível perceber que os dois paradigmas de Jasão aparecem nos dois gêneros: aquele mais ligado ao seu lado amoroso e que pode apresentar-se como um herói, ou pelo menos capitão, inábil, em Apôlonio e Graves; e aquele mais voltado ao belicista e capitão irrevogável da nau Argo, em Flaco e Várzea. Considerando um possível estereótipo do herói épico, talvez fosse esperado que essa delimitação ocorresse pelo gênero, o que não ocorre.

Ao mesmo tempo, levando em consideração a absorção da cultura grega pelo Império Romano – ao ponto de Horácio, poeta romano, afirmar em seus versos que “*Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio*”⁴⁴ (HOR., *Ep.*, II, I, 156-7) –, seria de se esperar que Flaco estabelecesse uma relação de Tradição com seu antecessor grego. Contudo, talvez a ligação mais próxima entre os dois poetas, além de abordarem um mesmo mito, seja o fato de os dois se configurarem como poetas helenísticos, mas escreverem exatamente em um gênero caracteristicamente longo, quando, conforme já afirmamos a respeito de Calímaco, a maioria dos helenísticos louvavam o diminuto.

Como tentamos demonstrar ao longo desse trabalho, o herói, mesmo inserido em um mesmo episódio – como a escolha do líder da expedição ou a partida da ilha em que reside Hipsípila –, apresenta características diferentes, ainda quando as representações

⁴² “Com três anos, eu fui secretamente resgatado, por um servo do palácio, do saque desta cidade, e dado à custódia dos Centauros, que cuidaram de mim. Por dezesseis anos, eu estive sob a tutela de Quíron, filho de Filira. [...]” (p. 43)

⁴³ “[...] ‘*Yo proclamo que traigo mi educación de Quirón. [...] he venido a casa, a recobrar la antigua dignidad de mi padre, por outro rey regida ahora / no de acuerdo a lo establecido, [...] Porque tengo sabido que Pelias, com injusticia, a sus mientes fulgurantes asintiendo, / violentamente la arrebató a mis padres, [...]*’ (PÍNDARO. Tradução de Alfonso Ortega, p 168)

⁴⁴ “A Grécia cativa cativou o vencedor feroz e levou as artes ao Lácio agreste.” [Tradução nossa].

estão mais próximas umas das outras. A caracterização dada ao herói por Flaco distancia-se consideravelmente daquela que é apresentada por Apolônio, possivelmente porque, embora o mito se adequasse àquilo que o poeta romano queria louvar, a representação dada por Apolônio prejudicaria a possível ligação que pode ser feita entre Jasão e Vespasiano. Sendo, aparentemente, paralelas suas conquistas, melhor seria que fossem também suas características. Assim, mesmo que Jasão em Flaco apresente um lado amoroso necessário para a realização plena de sua empreitada, esse lado não o torna um herói até certo ponto inábil como ocorre em Apolônio.

Ao mesmo tempo, o herói apresentado em Várzea também parece afastar-se daquele de Apolônio e aproximar-se do de Flaco. Mesmo assim, o argonauta de Várzea distancia-se de seu possível modelo romano já no início da obra ao ser apresentado, conforme já afirmamos, como um homem feito, soberbo e que tem a certeza que conseguirá o prêmio por saber-se predestinado a ele. Enquanto os outros podem duvidar dessa realização e a ajuda de Medeia torne-se uma “falha” justificável no desempenho do herói, em Várzea o próprio herói diz à feiticeira que tem todos os auspícios, bençãos e graças para “seu inteiro êxito”, mas já que ela possuía meios que pudessem lhe favorecer, que o fizesse. Se em Flaco, Jasão parece se esquecer do favor dos deuses – e, por isso, até os enfurecer – devido ao amor e à confiança que deposita em Medeia (MELLO; FERREIRA LIMA, 2014, p. 67-68), aqui, essa necessidade parece pouco natural.

As relações estabelecidas entre esses autores parecem ser predominantemente de Passado, sendo seus antecessores encarados como um tesouro de citações que esses colecionadores selecionam e exibem em meio à configuração de um novo mundo arquitetado por eles. Talvez, ao citar Flaco no início de seu romance, Várzea tenha optado por elegê-lo como um de seus tesouros, seu Passado, em detrimento daqueles outros disponíveis, mas não necessariamente inscreve-se em sua Tradição ou limita-se a esse tesouro. Desse modo, ainda que, como herói, o Jasão de Graves aproxime-se do de Apolônio, ou o de Várzea do de Flaco, eles são personagens distintos, habitando mundos com organizações diversas.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O homem sem conteúdo*. Tradução de Cláudio Oliveira. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

ALIGHIERI, Dante. *Inferno*. Tradução de Jorge Wanderley. São Paulo: Abril, 2010.

APOLODORO. *Biblioteca*. Tradução de Margarita Rodríguez de Sepúlveda. Madrid: Gredos, 1985.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Forense Universitária, 2010.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 222-232.

BEYE, Charles Rowan. Jason as Love-hero in Apollonius' *Argonautika*. In: _____. *Epic and Romance in the Argonautica of Apollonius*. p. 31-55. Carbondale: Southern Illinois University Press, 1982. Disponível em: <<http://grbs.library.duke.edu/article/view/10611/4309>>. Acesso em: 23 out. 2014.

BIANCHET, Sandra Maria Gualberto. Apresentação. In: FLACO, Gaio Valério. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010. p. 9-13.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CALÍMACO. Epigrama XXVIII. In: _____. *Himnos, epigramas y fragmentos*. Tradução de Luis Alberto de Cuenca y Prado e Máximo Briono Sanchez. Madrid: Gredos, 1980. p. 105

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

DEFORREST, Mary Margolies. The Birdcage. In: _____. *Apollonius' Argonautica: A Callimachean Epic*. Leiden: Brill Academic Pub, 1994. p. 1-17.

FERREIRA LIMA, Wellington. *Labirinto: A representação do mito de Teseu no carmen doctum de Catulo*. 2007. 163f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

FLACCUS, Gaius Valerius. *Argonautica*. Disponível em: <<http://agoraclass.fltr.ucl.ac.be/concordances/flaccusI/precise.cfm?txt=Argonauticon>>. Acesso em 29 ago. 2012.

_____. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010.

GIRALDI, Luiz Antonio. *A história da Bíblia no Brasil*. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GOUVÊA JÚNIOR, Márcio Meirelles. Introdução. In: FLACO, Gaius Valérius. *Cantos Argonáuticos*. Tradução de Márcio Meirelles Gouvêa Júnior. Lisboa: Centro de estudos clássicos e humanísticos, 2010. p. 15-27.

_____. *A viagem dos Argonautas: A construção da Virtus flaviana*. 2007. 295f. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-79YGHN/a_viagem_dos_argonautas.pdf?sequence=1>. Acesso em: 29 ago. 2012.

GRAVES, Robert. *The Golden Fleece*. Londres: Penguin Books, 2011.

HESÍODO. *Teogonia: A origem dos deuses*. Tradução de Jaa Torrano. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 1992.

HORATI FLACCI, Q.. *Epistularum*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/horace/epist2.shtml>>. Acesso em: 07 maio 2014.

JUSTINUS, Marcus Junianus. *Abrégé des Histoires Philippiques de Trogue Pompée*. Texto estabelecido e traduzido para o francês por Marie-Pierre Arnaud-Lindet. Disponível em: <<http://www.forumromanum.org/literature/justinx.html>>. Acesso em 05 jun. 2014.

LÓPEZ, Manuel Pérez. Introducción. In: RODAS, Apolonio de. *Las argonáuticas*. Tradução de Manuel Pérez López. Madrid: Ediciones Akal, 1991. p. 7-51.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica*. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.

MELLO, Jéssica Frutuoso; FERREIRA LIMA, Wellington. Jasão na Argonáutica de Flaco. *Nome*. v. 3, n. 3, p. 65-79, jan.-jun. 2014. Disponível em: <<http://www.revistanome.com.br/>>. Acesso em 11 nov. 2014.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à literatura catarinense*. Florianópolis: Centro de estudos Filológicos, 1958.

MURARI PIRES, Francisco. O melhor dos Aqueus. *Mithistória*. v. 1. São Paulo: Humanitas, 1999. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dh/heros/humancondition/ensaios/arete.html>>. Acesso em 30 ago. 2012.

OLIVA NETO, João Angelo. Introdução. In: Catulo. *O Livro de Catulo*. Tradução de João Angelo Oliva Neto. São Paulo: Edusp, 1996.

OVÍDIO. *Heroides: A concepção do amor em Roma através da obra de Ovídio*. Tradução de Walter Vergna. Rio de Janeiro: Museu de Armas Ferreira da Cunha, 1975.

_____. *Metamorfoses*. Tradução de Paulo Farmhouse Alberto. 2. ed. Lisboa: Cotovia, 2010.

ORTEGA, Alfonso. *Introducción à Pítica IV*. In: PÍNDARO. *Odas y fragmentos*. Tradução de Alfonso Ortega. Madrid: Gredos, 1984. p. 161-162.

PEREIRA, Isidro. *Dicionário Grego – Português e Português – Grego*. Porto: Livraria do Apostolado da Imprensa, 1969.

PÍNDARO. *Odas y fragmentos*. Tradução de Alfonso Ortega. Madrid: Gredos, 1984. p. 161-178.

RHODIUS, Apollonius. *Argonautica*. Tradução de George W. Mooney. Londres: Longmans, Green, 1912. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0227>>. Acesso em: 07 jun. 2015.

_____. *Las argonáuticas*. Tradução de Manuel Pérez López. Madrid: Ediciones Akal, 1991.

SACHET, Celestino. *A literatura de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 11-66.

SICILIA, Diodoro de. *Biblioteca Histórica: livros IV-VIII*. Tradução de Juan José Torres Esbarranch. Madrid: Gredos, 2004.

TÁCITO, C. Córnelio. *Anais*. Tradução de Leopoldo Ferreira. Rio de Janeiro: Tecnoprint.

VÁRZEA, Virgílio dos Reis. *Os Argonautas*. 2. ed. [s.l.]: Zero Papel, 2012.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e religião na Grécia Antiga*. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

VESSEY, D. W. T. C.. *Épica Flávia*. In: KENNEY E. J.; CLAUSEN W. V.. *Historia de la Literatura Clásica – II*. Tradução: Elena Bombín. Madrid: Gredos, 1989. p. 613-652.

WATT, Ian. *Fielding e a teoria épica do romance*. In: _____. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 208-225.

BETWEEN TRADITION AND PASS: THE CONSTRUCTION OF JASON FROM EPIC TO NOVEL

ABSTRACT

Considering the representations and consequent changes that different mythological episodes and their heroes have been receiving since Antiquity, we selected the Argonautic in order to reflect about the way the hero Jason is characterized in this context. Therefore, we chose long narratives wrote by authors from different nations and distanced in time, to debate the relation these authors establish between themselves and how this can reflect on the construction of hero. For this, we utilize the categories proposed by Agamben (2012), which are based on the type of relation established with the past, either contiguity, Tradition, or rupture, Past.

Keywords: Jason, hero, Tradition, Past.

Recebido em 20/10/2015.

Aprovado em 20/11/2015.